

Interfaces entre Jornalismo e Educomunicação no Brasil e Chile: primeiras impressões¹

Adriana C. OMENA SANTOS²

Mirna TONUS³

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

RESUMO

O texto aborda a sociedade contemporânea que tem como uma de suas características o importante papel dos meios seja na comunicação, na cultura ou na educação. O foco do trabalho é uma reflexão sobre a adequação do ensino de jornalismo nas instituições, em especial as públicas, tendo em vista a sociedade informacional, conectada e suas relações com a educação, no que configura a educomunicação. Em tal sociedade merece atenção o novo tipo de aluno, que traz consigo para a universidade saberes acumulados, fato que possivelmente exigirá mudanças no posicionamento do educador e dos profissionais da comunicação. Como subsídio para as reflexões, foi feito um levantamento sobre conteúdos curriculares nos cursos de Jornalismo do Brasil e Chile, tendo em vista o novo perfil do aluno e do ensino de comunicação nesta nova sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; educomunicação; Brasil; Chile

Introdução

Ainda que no atual momento da sociedade contemporânea o conceito de Educomunicação já esteja sendo estudado por mais de duas décadas e tenha estreita relação com as diferentes formações em Comunicação, dentre elas a de Jornalismo, como é desconhecida em boa parte dos cursos e pela maior parte dos educadores na área da comunicação.

O texto em questão trata dessa possibilidade de nova formação voltada para a sociedade informacional, em que o Jornalismo volta-se para uma educação para as mídias e os meios de comunicação passam a desempenhar uma função emancipadora para os indivíduos, sejam estes leitores, expectadores ou docentes e discentes cursos de Jornalismo. Neste sentido devem ser considerados os desdobramentos sobre a educação e sobre o educador, em

¹ Trabalho apresentado na DT Interfaces Comunicacionais, GP Comunicação e Educação do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, com apoio da Faculdade de Educação/UFU e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

² Doutora em Comunicação pela ECA/US, docente e coordenadora do Curso de Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), e-mail: omena@faced.ufu.br

particular sobre o ensino de comunicação e as adequações que os cursos de jornalismo têm sofrido visando atender ao perfil do aluno que traz consigo para a universidade saberes adquiridos fora do âmbito educacional.

A proposta é, após um breve levantamento junto às matrizes curriculares de cursos do Chile e de instituições federais no Brasil, no intuito de apresentar uma reflexão sobre a adequação (ou ausência dela) dos cursos frente à educomunicação, tendo em vista o perfil do novo comunicador e o conhecimento dos educadores na sociedade contemporânea.

Deste modo, dada à originalidade do próprio tema uma vez que diversos conceitos envolvidos ainda se encontram em discussão, várias vertentes podem ser estudadas como: os saberes que o aluno traz consigo para a universidade, as variáveis educacionais da comunicação, implicações sociais e culturais desse novo modelo de comunicação, tendo as interrelações presentes, e, principalmente a necessidade de propor alterações no perfil do educador e no ensino de jornalismo tendo em vista as mudanças que a interface entre a comunicação e a comunicação, ou a educomunicação, traz consigo.

A Educomunicação como campo de conhecimento

Diante dos inúmeros desafios da sociedade contemporânea e de suas transformações sociais, culturais e educacionais, apresentam-se aos educadores quatro opções: ignorar a influência dos meios; introduzi-los sem a preocupação de explicá-los; explicá-los sem a preocupação de contextualizá-los; ou utilizar a educomunicação. Esta última parte do fato de que os estudantes também estão levando novos conhecimentos à sala de aula. Portanto, não se trata mais de meramente transmitir-lhes conhecimentos. É preciso capacitá-los para entender o que estão recebendo, mediar essa apreensão de novos dados. O aluno, agora, é visualizado como protagonista, haja vista que o mais importante não é simplesmente receber, mas construir o significado sobre a informação.

A mesma dificuldade enfrenta os comunicadores, já que foi preciso quebrar paradigmas. De acordo com Soares (2009), por volta dos anos 1940, reduzia-se o conhecimento à informação e a comunicação a um processo unidirecional, o que gerou ferrenhas críticas de sociólogos, especialmente dos ligados à escola de Frankfurt. Segundo Adorno e Horkheimer, citados por Crespo (2000), vinculados àquele grupo, a indústria cultural – termo cunhado porque os meios de comunicação em massa “funcionavam como

³ Doutora em Múltiplos Meios pela Unicamp e professora do Curso de Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal

uma verdadeira indústria de produtos culturais” (p. 206) – “tem como único objetivo a dependência e a alienação dos homens” (p. 207) e estimula o imobilismo.

Somente a partir de 1980 a comunicação reconheceu que o espectador também é responsável pela construção das mensagens e, de forma análoga ao que aconteceu com a educação, percebeu que seu papel passava de transmissora a mediadora, o que se dá pela interação do receptor/co-construtor com outros atores e com o contexto que o cerca.

O *boom* tecnológico que ocorreu no fim do século XX fortaleceu esse cenário, disponibilizando ferramentas que, para Rodrigues (2009, p. 4), “devem ser usadas para melhorar a performance de todos”. A autora alerta, entretanto, que “a tecnologia apenas contribui para a aprendizagem, mas não é a responsável por esse processo”. Soares (2000, p. 19), citando Gomez, completa: “a comunicação é vista como um componente do processo educativo e não através do recorte do ‘messianismo tecnológico’”.

Neste contexto e de acordo com Tabosa (2009) é possível concluir então, que a Comunicação tem uma relação muito forte e direta com a Educação. Para a autora as relações entre essas duas ciências vêm sendo chamadas de Educomunicação, um campo novo do conhecimento, bastante singular. Por conseguinte, Comunicação e Educação não podem mais ser vistas apenas como assuntos distintos. Uma está ligada à outra, estabelecendo uma relação dialógica entre esses campos, o que resulta em um novo campo: o da Educomunicação.

Cabe ressaltar que, ainda segundo a autora, quando se fala em Educomunicação, se faz referência a um campo de pesquisa, de reflexão e de intervenção social, cujos objetivos, conteúdos e metodologia são essencialmente diferentes tanto da Educação Escolar quanto da Comunicação Social pura e simplesmente. Investigar os fundamentos desse campo, discutir se as inter-relações dos vários tipos de saberes que se fundem na Educação e na Comunicação constituem os principais objetivos teóricos desse novo campo.

Pouco a pouco, surgiram linhas de pesquisa unindo a educação e a comunicação. Entre 1982 e 1984, no então Instituto Metodista de Ensino Superior, hoje UMESP (Universidade Metodista de São Paulo), Onésimo de Oliveira Cardoso coordenava uma linha de pesquisa denominada Comunicação e Educação, visando “à análise dos diferentes posicionamentos teóricos que tratam os fenômenos didático-pedagógicos à luz da comunicação e o desenvolvimento de princípios teóricos, com fundamentação prática” (MELO, 1983, p. 197).

Com a convergência de objetivos entre os campos da comunicação e da educação, torna-se possível desconstruir o argumento lançado pelos críticos da nova inter-relação, a saber, que ambos “jamais poderiam integrar-se, sob a suspeita de estarem perdendo sua identidade e razão de ser” (GARCIA apud SOARES, 2000, p. 19). Finalmente “a Educomunicação se apresenta com autonomia: tem filosofia própria, história e reconhecimento da sociedade” (RODRIGUES, 2009, p. 2).

Ainda segundo Soares (2008, s. p.), quando o neologismo – até hoje estranhado por quem acredita que “toda comunicação deveria, por si mesma, ser adjetivada como comunicativa” – começou a ser utilizado, há cerca de duas décadas, era restrito ao sentido de identificar a educação para a comunicação, destinada a formar um senso crítico em relação à mídia. Hoje, já se consolida como “educação pela comunicação”. Vale lembrar que esta, para Freire (1976), citado por Soares (2000), introduz o diálogo no processo educativo.

O surgimento de uma nova cultura, a partir de 1960, chamada pré-figurativa, em que, pela primeira vez na história, se reconheceu que os adultos também poderiam aprender com os jovens, foi decisivo para consolidar o surgimento da educomunicação, pois, a partir desse momento, procuraram-se novos modelos pedagógicos em que “os adultos ensinam não o que os jovens devem aprender, mas como devem fazê-lo; e não como devem comprometer-se, mas qual é o valor do compromisso” (SOARES, 2000, p. 21).

Esse pensamento é fundamental para que o profissional da nova área, o educador, aceite

um novo referencial para a relação educador-educando: o aluno pode ensinar ao mestre (principalmente a manipulação das novas tecnologias), os alunos podem ensinar uns aos outros (principalmente confrontando seus pontos de vista ou suas fontes de informações ou suas soluções para o problema proposto, em diálogo direto, por correio eletrônico ou fórum mediado) (SOARES, 2009, p. 10).

De acordo com o autor, o reconhecimento público da profissão de educador aconteceu em nível nacional na conclusão do Fórum Mídia e Educação, organizado em São Paulo, em 1999, que constatou “a emergência da Inter-relação Comunicação-Educação como um novo campo de intervenção social”. Dez anos depois, verifica-se que, apesar de todo o progresso, ainda há muito a avançar na disseminação da educomunicação.

Tal reconhecimento ficou evidente na 1ª Conferência Nacional de Comunicação, que teve, entre as propostas aprovadas, inúmeras relacionadas à Educomunicação. Ainda que, conforme Soares (2009 p. 2), citando Peruzzo, as organizações não-governamentais tivessem um importante papel no processo da educação não-formal e “em decorrência da ação das

organizações sociais, à margem da Universidade e do sistema escolar formal, a união estratégica entre os campos da Comunicação e da Educação vem ensejando a emergência de um novo campo de intervenção social”, o crescimento da área e seu reconhecimento em outras áreas tem influenciado diversas ações de ensino, pesquisa e extensão.

Há que se levar em consideração, neste contexto, o fato de que os cursos de Comunicação Social, pela sua tendência à prática, são essencialmente ligados à extensão e justificam a realização das ações como forma de atrair os discentes e prepará-los para uma formação interdisciplinar, estimulando a compreensão das ações de educação no campo das Ciências da Comunicação, além de contribuir para que amadureçam e prossigam, no futuro, com atividades relacionadas. Vale lembrar que os alunos do Jornalismo podem e devem desenvolver a afinidade com a área educacional, o que será indispensável para a sua consolidação como profissionais, uma vez que “a função do jornalista nas sociedades democráticas se assemelharia em alguns pontos com a do educador, responsável por impor certa clareza ao caos dos acontecimentos” (NEVEU, 2001, *apud* PEREIRA, 2009).

Neste sentido, cabe ressaltar que levar a educação e o esclarecimento dos fatos através do jornalismo também é uma forma de educar. Os discentes de jornalismo por meio da educomunicação são capacitados a atuarem em várias interfaces entre a educação e a mídia, utilizando de maneira mais eficaz o potencial educativo dos meios de comunicação.

Encontros da Educação e Comunicação no Ensino de Jornalismo

Diante das relações apresentadas é possível perceber a necessidade de estudar o posicionamento do ensino de Comunicação/Jornalismo frente a esse novo modelo educacional que se desenha e do papel desempenhado pela formação superior interdisciplinar nesse processo. Neste intuito, para o desenvolvimento deste trabalho são propostos um estudo teórico, uma pesquisa documental através do levantamento de material e uma prévia análise comparativa deste, visando atingir o objetivo do trabalho que se consiste na verificação da existência ou não de adequações no ensino de Comunicação/Jornalismo nas instituições selecionadas tendo em vista educomunicação e suas relações com o Jornalismo.

Com este propósito foi feita pesquisa para obtenção de dados das Instituições de Ensino Superior brasileiras relacionadas no site do Ministério da Educação – MEC, das quais foram selecionadas 37 instituições públicas (35 federais e 2 estaduais -SP) que oferecem cursos de Jornalismo: Fund. Univ. Fed. do Tocantins (UFT), Fund. Univ. Fed. do Pampa

(Unipampa), Fund. Univ. Fed. de Rondônia (UNIR), Univ. Est. Paulista – Julio Mesq. Filho (Unesp), Univ. Fed. de Ouro Preto (UFOP), Univ. Fed. de Sergipe (UFS), Univ. Fed. da Bahia (UFBA), Univ. Fed. da Paraíba (UFPB), Univ. Fed. de Alagoas (UFAL), Univ. Fed. de Campina Grande (UFCG), Univ. Fed. de Goiás (UFG), Univ. Fed. de Juiz De Fora (UFJF), Univ. Fed. de Mato Grosso (UFMT), Univ. Fed. de Mato Grosso do Sul (UFMS), Univ. Fed. de Minas Gerais (UFMG), Univ. Fed. de Pernambuco (UFPE), Univ. Fed. de Roraima (UFRR), Univ. Fed. de Santa Catarina (UFSC), Univ. Fed. de Santa Maria (UFSM), Univ. Fed. de São João Del Rey (UFSJ), Univ. Fed. de Uberlândia (UFU), Univ. Fed. de Viçosa (UFV), Univ. Fed. do Acre (UFAC), Univ. Fed. do Amapá (Unifap), Univ. Fed. do Amazonas (UFAM), Univ. Fed. do Ceará (UFC), Univ. Fed. do Espírito Santo (UFES), Univ. Fed. do Maranhão (UFMA), Univ. Fed. do Pará (UFPA), Univ. Fed. do Paraná (UFPR), Univ. Fed. do Piauí (UFPI), Univ. Fed. do Rio de Janeiro (UFRJ), Univ. Fed. do Rio Grande do Norte (UFRN), Univ. Fed. do Rio Grande do Sul (UFRS), Univ. Fed. Fluminense (UFF), Univ. Fed. Rural do Rio De Janeiro (UFRRJ) e Universidade de São Paulo (USP).

Logo após a seleção das instituições, foi realizada uma busca por meio da Internet para obter o projeto pedagógico ou estrutura curricular dos cursos e, se possível, também as ementas das disciplinas oferecidas a fim de viabilizar a análise comparativa das matrizes curriculares dos cursos em busca de indícios de adequação do ensino visando à educomunicação.

Dentre as instituições selecionadas apenas 25% delas (UFRR, UFAM, UNIR, UFAC, UFPI, UFES, UFPB, UFT e UFCG) não disponibilizavam PPC no site ou este não permitiam acesso às ementas dos componentes curriculares. Na UFPA (3%) o PPC não permitiu identificar a oferta de disciplinas. Em 27 % das instituições (UFU, UFOP, UFSJ, UFSC, UFRN, UFPE, UFAL, UFS, UFRGS e USP) a interface Comunicação e Educação, ou a Educomunicação, é contemplada em componente curricular específico, oferecido como disciplina obrigatória, optativa ou eletiva. Em 10% das instituições (UNIFAB, UFMT, UFC e UFV.) não é oferecido componente curricular específico, contudo, o conteúdo é contemplado na ementa de outra disciplina ou na elaboração de produtos educacionais. Nas demais instituições, 35% do universo pesquisado (UFMA, UFMS, UFJF, UFRRJ, UFRJ, UFF, UFPR, UFG, UFBA, UFMG, UFSM, UNIPAMPA e UNESP), a estrutura curricular não prevê interface entre comunicação e educação.

Da mesma maneira foi realizado levantamento em rede acerca de cursos de Periodismo no Chile, dos quais 36 instituições oferecem o referido curso, sendo 10 Universidades Estatais e 26 Privadas.

O levantamento realizado acerca das instituições no Chile utilizaram dados disponibilizados pelo Consejo Superior de Educación⁴ (Universidad Católica del Norte – UCN, Pontificia Universidad Católica de Chile – UC, Universidad Diego Portales – UDP, Universidad Andrés Bello – UNAB, Universidad de Concepción – UDEC, Universidad Gabriela Mistral – UGM, Universidad Mayor, Umayor, Universidad UNIACC, Pontificia Universidad Católica de Valparaíso – UCV, Universidad de Playa Ancha – UPLA, Universidad Santiago de Chile – USACH, Universidad Vina del Mar – UVM, Universidad Del Mar – Udelmar, Universidad Del Pacífico – UPacífico, Universidad Finis Terrae – UFT, Universidad Internacional SEK – UISEK, Universidad Pedro de Valdivia – UPV, Universidad San Sebastián – USS, Universidad Santo Tomás – UST, Universidad Academia de Humanismo Cristiano – UAHC, Universidad Adolfo Ibáñez – UAI, Universidad Alberto Hurtado – UAH, Universidad Austral de Chile – UACH, Universidad Bernardo O’Higgins – UBO, Universidad Católica de la Santísima Concepción – UCSC, Universidad Central de Chile – Ucentral, Universidad de Chile – UChile, Universidad de la Frontera – UFRO, Universidad del Desarrollo – UDD, Universidad de la Serena – USERENA, Universidad de las Américas – UDLA, Universidad de los Andes – UANDES).

No levantamento realizado em cursos do Chile foi possível perceber, numa primeira análise, que não há uma uniformidade no tempo necessário para a conclusão do curso como no Brasil. Em 40% dos cursos o tempo para a integralização do curso é de cinco anos e 12% o tempo previsto é de quatro anos e meio. Além disso, praticamente a totalidade dos cursos de periodismo (87%) não contemplam a interface comunicação e educação ou a temática da Educomunicação. Apenas 10% dos cursos (UDEC, UAI, UST) apresentam componentes curriculares diretamente relacionados com tal interface e em 3% dos cursos (UHC) o conteúdo é trabalhado em outra disciplina.

A partir dos dados obtidos foi feita uma análise comparativa das informações, sendo os pontos mais relevantes indicados a seguir. Das 37 instituições públicas brasileiras elencadas, 10 delas possuem disciplinas obrigatórias, eletivas ou optativas que abordam

⁴ Consejo Superior de Educación. (CNED, 2012).

especificamente a interface entre comunicação e educação, ou a temática da Educomunicação, e 4 outras instituições abordam a temática em ementas de outros componentes curriculares ou desenvolvem produtos voltados para tal interface. Tal situação evidencia o fato de que em 37% das instituições existe uma preocupação com a temática/interface comunicação e educação. A situação brasileira é bastante diferenciada do Chile em que quase a totalidade dos cursos não prevê tal interface e apenas três instituições oferecem disciplina com tal abordagem e uma única instituição contempla a temática em conteúdo curricular não específico da comunicação e da educação.

As demais instituições, tanto no Brasil quanto no Chile, não oferecem em sua estrutura curricular nenhuma disciplina específica ou obrigatória voltada para as temáticas envolvidas, no entanto, cabe ressaltar que algumas instituições/cursos não disponibilizam acesso ao projeto pedagógico e às ementas das disciplinas, fato que talvez pudesse alterar os resultados apresentados.

Reflexões acerca das carreiras/profissões Jornalismo e Educomunicação

Tendo em vista que os sistemas educacionais têm sido profundamente questionados por não buscarem fundamentos que possibilitem a formação adequada às novas competências dos profissionais da atualidade, na breve análise realizada surgiram vários pontos que ainda merecem novos estudos, uma vez que no Brasil apenas as instituições públicas fizeram parte da amostra e no Chile, dentre observadas, nem sempre o material obtido continha todas as informações necessárias para uma análise mais profunda. Apesar da proposta do trabalho não ser a de oferecer um posicionamento conclusivo sobre os apontamentos apresentados no título, as informações levantadas no estudo merecem ser comentadas, pois a análise apresenta indícios do que pode ser alguma tendência no ensino de Jornalismo.

Vale ressaltar que os dados observados no estudo indicam que em várias instituições os cursos de Comunicação Social/ Jornalismo estão atentos ao papel educativos das mídias e à importância do profissional neste contexto. Corroboram a reflexão o fato de que uma parcela significativa dos cursos oferecidos nas instituições públicas constantes da amostra possui a oferta de componente curricular que aborda a interface comunicação e educação, ou a educomunicação, seja como disciplina obrigatória ou optativa. Em alguns projetos disponibilizados online não existe tal componente curricular, contudo a interface é

contemplada em ementas de outras disciplinas ou no desenvolvimento de projetos que trabalhem tal interface.

Além da preocupação de maneira geral de alguns cursos com a interface comunicação/educação, merece atenção dados específicos que o estudo indicou, como o fato de já existirem duas instituições (USP e UEPB) que oferecem cursos específicos de Educomunicação, além do fato de que vários cursos recém criados via REUNI/MEC⁵ tem em sua proposta componente curricular obrigatório sobre a temática, além de possibilidades de cursos de pós-graduação interdisciplinares como o que foi apresentado pela UFU à Capes⁶ e que tem como foco as interrelações entre Comunicação, Educação e Tecnologias.

No Chile, por sua vez, o estudo indicou uma ausência de componentes que trabalhem a interface comunicação e educação ou educomunicação e, aparentemente, os cursos possuem um foco também na publicidade, mesmo quando a graduação é em jornalismo. Vale ressaltar, contudo, que a formação no Chile prevê que o formando após os dois primeiros anos é bacharel, depois licenciado e/ou profissional da comunicação. Neste contexto apesar de os cursos não apresentarem preocupação com a educomunicação, é possível que a temática seja abordada no perfil do egresso e nas competências previstas pelos cursos que optam por formação para a docência (licenciatura). Outro ponto que merece atenção após análises da estrutura curricular dos cursos no Chile é que, diferente do Brasil, vários cursos apresentam proposta de vanguarda e já se preparam para um mercado cada vez mais digital ao oferecer disciplinas de mídias sociais e transmedia.

Em resumo, as informações acima mostram um momento específico do ensino de Jornalismo que podem indicar uma tendência seja no Brasil ou no Chile, no entanto, a intenção é que tais informações possam vir a ser aprofundadas com outras técnicas de análise e mais subsídios informacionais como, por exemplo, entrevistas amostrais junto ao corpo docente e discente das instituições analisadas.

Considerações Finais

Não há como não perceber o que grande parte dos estudiosos defende, que vivemos em meio a grandes transformações onde a comunicação ocupa papel destacado na

⁵ Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), que tem como principal objetivo ampliar o acesso e a permanência na educação superior. Com o Reuni, o governo federal adotou uma série de medidas para retomar o crescimento do ensino superior público, criando condições para que as universidades federais promovam a expansão física, acadêmica e pedagógica da rede federal de educação superior. Os efeitos da iniciativa podem ser percebidos pelos expressivos números da expansão, iniciada em 2003 e com previsão de conclusão até 2012 (BRASIL/2012).

⁶ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

sociedade, e, que, portanto o ensino de comunicação deve estar em sintonia com as transformações pela qual a sociedade vem passando.

As transformações citadas anteriormente são de origem econômica, políticas e sociais e desembocam nessa nova sociedade onde os meios de comunicação também têm sofrido alterações em suas estruturas e funções para adaptarem-se a esse novo modelo de desenvolvimento que deve considerar o papel educativo da comunicação. Deste modo, é importante que os educadores estejam atentos a estas transformações nos meios e às formatações que possivelmente serão impostas à sociedade de uma maneira geral, às profissões, profissionais e ao ensino de comunicação para que o profissional egresso dos cursos possa atender as demandas advindas desse novo modelo de sociedade que se desenha.

Apesar de o assunto ser relativamente novo, é necessário aprofundar discussões que reflitam acerca da problemática e necessidade de adaptação do ensino de Jornalismo e do perfil do educador nesse processo, uma vez que o mesmo certamente tem educação, experiência profissional, linguagens e conhecimentos adquiridos muitos distintos de seus atuais alunos, crescidos e educados em meio à comunicação disponibilizada pelos novos meios, dentre eles a Internet. Em resumo, é necessário viabilizar uma convivência saudável e enriquecedora entre os participantes do processo ensino-aprendizagem, principalmente porque no atual modelo de sociedade o conhecimento ocupa posição privilegiada.

Na tentativa de encerrar o trabalho, cabe enfatizar que o que se pretende na verdade é alertar aos comunicólogos, em particular aos que trabalham diretamente com ensino de comunicação, que tal atividade enquanto profissão deverá repensar e discutir sua postura a fim de que a heterogeneidade e dialogismo dos discursos dos meios de comunicação que lidam com a comunicação não inviabilizem o processo educacional formal ou não formal.

Uma alternativa no sentido de equacionar estes inconvenientes citados anteriormente, talvez seja iniciar o quanto antes reflexões que definam com clareza o que os educadores esperam das relações da Comunicação e Educação na sociedade contemporânea; que tipo de conhecimento transcende nesta sociedade e para quem o mesmo transcende; e, qual o melhor caminho de transição para tal sociedade, tão discutida, porém ainda desconhecida por alunos, educadores e sociedade em geral.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Disponível em <http://www.mec.gov.br/> . Acesso em 26 jun. 2012.

CNED. Chile. Consejo Superior de Educación. Disponível em <
http://www.cned.cl/public/Secciones/SeccionEducacionSuperior/instituciones_educacion_superior.aspx >. Acessado em 13 de abril de 2012.

CRESPO, Regina Aída. Cultura e Ideologia. In: TOMAZI, Nelson Dacio (coord.). **Iniciação à Sociologia**. São Paulo: Atual, 2000.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas**. Disponível em: <
<http://www.ibge.com.br/home/presidencia/noticias/29092007estatisticasecxx.shtm>>. Acesso em 10 mar. 2009.

MELO, José Marques de. Da comunicação popular à popularização da ciência. In: **Comunicação & Sociedade**. São Paulo: Cortez/CNPq/IMS, jun. 1983, ano V, n. 9, p. 197.

PEREIRA, Fábio Henrique. **Da responsabilidade social ao jornalismo de mercado: o jornalismo como profissão**. BOCC - Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2004. Disponível em <
<http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-fabio-responsabilidade-jornalista.html>>. Acesso em 10 fev. 2006.

RODRIGUES, Gabriela F. **É educomunicação? A descoberta do termo e de elementos educ comunicativos**. Disponível em
<<http://www.usp.br/nce/aeducunicacao/saibamais/textos/>>. Acesso em 10 nov. 2008.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações, in **Comunicação & Educação**, nº 23, set/dez 2000, p. 12-24.

_____. **Uma educomunicação para a cidadania**. Disponível em
<<http://www.usp.br/nce/aeducunicacao/saibamais/textos/>>. Acesso em 04 mai. 2009.

_____. Gestão Comunicativa e Educação: Caminhos da Educomunicação, in **Comunicação & Educação**, nº 23, jan/abril 2002, p. 16-25.

SOARES, Ismar de Oliveira; ROMANINI, Vinícius. A Educomunicação na luta pelo meio ambiente. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 28 out. 2008.

TABOSA, Socorro. Educomunicação: um novo campo. 2009. Disponível em
<http://www.educomunicacion.org/files/EDUCOM_pt.pdf> Acesso em 10 fev. 2012.